

## 16. Poesia e fotografia: expandindo a noção do que é possível

Ricardo Alexandre Rodrigues<sup>75</sup>

**Resumo:** Este artigo faz parte dos resultados de estudos e pesquisas teóricas para dar embasamento a um projeto realizado no formato de curso de extensão extracurricular, a partir de provocações a respeito da expressão poética na fotografia digital. A Fotografia e a Poesia nos lembram de que é preciso rever o mundo “conhecido”, expandindo a noção do que é possível. As reflexões contidas neste artigo serviram para orientar a linha de abordagem e de encaminhamento para os ciclos de debates sobre o efeito poético em composições escritas e fotográficas. Para a fundamentação teórica foi revisitada a crítica semiológica desenvolvida por Roland Barthes e suas considerações sobre fotografia.

**Palavras-chave:** Fotografia e poesia; semiologia; metodologias ativas.

**Resumen:** Este artículo es parte de los resultados de estudios e investigaciones teóricas para sustentar un proyecto realizado en el formato de un curso de extensión extraescolar basado en provocaciones sobre la expresión poética en fotografía digital. La fotografía y la poesía nos recuerdan que es necesario volver a visitar el mundo “conocido”, ampliando la noción de lo posible. Las reflexiones contenidas en este artículo sirvieron para orientar la línea de abordaje y orientación de los ciclos de debates sobre el efecto poético en las composiciones escritas y fotográficas. Para la base teórica, se revisó la crítica semiológica desarrollada por Roland Barthes y sus consideraciones sobre la fotografía.

**Palabras clave:** Fotografía y poesía; semiología; metodologías activas.

Mais que um registro ou confirmação de eventos localizados no tempo e no espaço, a imagem fotográfica desperta o olhar para as combinações de linhas, formas, cores, texturas, e pode provocar, no observador, afetos e pensamentos.

Diante de uma fotografia, o que faz os olhos brilharem é saber das diferentes possibilidades para as coisas que julgávamos ser comuns ou triviais. Causa impacto descobrir outras visibilidades para elementos cotidianos que se perderam em meio à automatização do olhar. É aí que entram em cena a Fotografia e a Poesia: elas nos

---

<sup>75</sup> Doutor em Poética, UFRJ.

lembram de que é preciso rever o mundo “conhecido”, expandindo a noção do que é possível. Por meio da poesia e da fotografia (das Artes em geral) percebemos que o mundo tal qual o conhecemos pode ser maior e mais divertido.

Na observação das fotografias digitais, abrem-se caminhos de investigação sobre a dinâmica de um mundo gerido no tempo instantâneo, no imediato. A imagem fotográfica revela potencial para pensar modos alternativos e contemporâneos de interagir no mundo e com ele. Tendo em vista esse potencial, composições fotográficas tornam-se objeto de pesquisa e tema de estudos. Na diversidade de debates articulados a partir da fotografia, serão apresentadas, neste artigo, considerações sobre a fotografia digital de tratamento poético, colocadas em evidência como formas de visualidades e textualidades que servem de ponto de convergência entre afetos, ideias e pensamentos na experiência com o mundo.

No desdobramento dessas ideias, a composição fotográfica aparece entre os artifícios para construção de versões de mundo. A partir dessa observação, iluminam-se alternativas de introduzir a fotografia nos estudos poéticos da linguagem, a fim de agregar oportunidades para pensar sobre as referências usadas para organizar o discurso. Daí surge a linha de investigação em torno da qual foram organizados grupos de estudos, cujos resultados das leituras e reflexões dão forma a este texto.

É no enfrentamento com o óbvio e com a naturalização das classificações que se propõe o estudo da composição da imagem foto-poética, estendendo abordagens sobre os horizontes das linguagens e das percepções poéticas. Na transversalidade de temas e indagações entre literatura e outras linguagens poéticas, foi desenvolvido um curso extracurricular no formato de ciclos de debates e reflexões. O curso, com o título homônimo desse artigo, foi oferecido para estudantes do ensino médio da rede pública de ensino, formando grupo de 20 participantes, com carga horária de 180 horas no total. O planejamento desse estudo foi elaborado com o objetivo de aprimorar o exercício interpretativo, indicando outras experiências de leituras, além de incentivar expressões autorais dos participantes.

Na forma de oficina, durante os encontros, aconteceu a aplicação de conceitos plásticos e valores estéticos com a realização de fotografias dos próprios participantes. Esta iniciativa teve como meta trazer mais intimidade dos estudantes com as linguagens de efeito poético, construindo confiança para arriscar leituras e construção de textos.

Neste artigo, são apresentadas linhas de pensamento e de abordagens que nortearam as ações dos ciclos de debate e de reflexões no estudo da composição da imagem foto-poética.

É importante ressaltar que, nos encontros para o estudo da composição da imagem foto-poética, a fotografia foi pensada como exercício do olhar que transcende e transforma a realidade. A transcendência e transformação acontecem quando detalhes, que antes não eram percebidos, ganham evidência na composição da imagem. A partir desses detalhes, o olhar organiza e interpreta a mensagem fotográfica. De fato, toda imagem que impressiona o olhar desperta o interesse pela interpretação. Imediatamente, nos adiantamos para estabelecer uma rede de significados correspondentes para a imagem, o que conduz a sua incorporação a um sistema de equivalências, operado pela articulação de signos. Stuart Hall nos lembra de que a interpretação é um procedimento de negociação, primordial para o “processo pelo qual o sentido é dado e tomado” (HALL, 2016, p.61). Pois, na descrição de Hall, “todo significante dado ou codificado tem que ser significativamente interpretado ou codificado pelo receptor” (HALL, 2016, p.61).

Nessas considerações, em que consiste interpretar uma fotografia? Que mensagem pode ser lida na iconicidade da imagem fotográfica? Vale ressaltar que a maneira como as palavras significam não tem similaridade com a significação da foto. Enquanto as palavras são signos de outra coisa, a fotografia em si não diz nada além do que ela é – eis a condição icônica da imagem fotográfica. Contudo, essa naturalidade expressiva da fotografia é ilusória porque resulta da escolha do fotógrafo.

O aparato mecânico da câmera tornou-se suporte para subjetividades outras, dando visibilidade a composições independentes. Na prática, o que faz a fotografia significar é o estilo: a maneira como os elementos se articulam para criar imagens. Nos estudos de Barthes sobre a fotografia são descritos dois estágios de percepção: o primeiro seria a matéria flagrada; o outro estágio acontece com a percepção do estilo da foto que “funciona como uma mensagem segunda que informa sobre a realidade e sobre o fotógrafo” (BARTHES, 2004, p.495).

Fotografar conjuga experiências com os modos de registrar e de oferecer à leitura a matéria flagrada. Por assim dizer, a linguagem fotográfica é articulada juntamente com a reinvenção do olhar que se projeta em busca de estâncias onde emergem maneiras alternativas de perceber e de sentir. Nessa via de percepção, ganha nitidez a dualidade da

imagem fotográfica: mesma a aparente objetividade do registro pode apontar aspectos da subjetividade do autor. Tudo que é dado a ver na foto resulta de investimento ético e estético. De fato, a realidade reverenciada na fotografia é produto de um regime de visualidade.

Existem sentidos na fotografia que são ao mesmo tempo invisíveis e ativos, claros e implícitos. Esses sentidos resultam do tratamento dado à composição da imagem, ou seja, a maneira como está sendo oferecida à leitura – o regime de visibilidade composto pelo enquadramento, pela escolha do tema, pela abordagem, pelo processamento técnico.

No desdobramento das reflexões provocadas até aqui, o pensamento do fotógrafo norte-americano Ansel Adams (1902-1984) reforça a ideia de que fotografar está bem além de um gesto mecânico condicionado ao suporte técnico: "Não fazemos uma foto apenas com a câmera; ao ato de fotografar trazemos todos os livros que lemos, os filmes que vimos, a música que ouvimos e as pessoas que amamos". A fotografia coloca na esfera pública formas de subjetividade, apresentando maneiras singulares de ser afetado pelas coisas, pelas paisagens, pelas pessoas... Assim considerando, ela abre espaço para emergência de corporeidades outras: tanto do motivo fotografado, quanto do próprio fotógrafo.

O efeito mimético da foto é produzido artificialmente, engendrado numa operação de montagem por meio de procedimentos variados de corte, dissecação, reorganização do modo de ver. Sendo assim, os elementos de composição, quando combinados na fotografia, mostram mais do que um tema ou uma paisagem.

A fotografia revela também a subjetividade do fotógrafo, seus sentimentos, sua visão de mundo em relação ao tema. O fotógrafo, segundo Barthes, é o testemunho da sua própria subjetividade, uma vez que deixa exposto o modo como um sujeito se coloca diante de um objeto. Isto é, o modo como se deixa ser afetado e a partir daí reage dentro de um circuito de sentidos. Tal reflexão chama atenção os aspectos da construção subjetiva da realidade fotográfica: o real só existe como conquista, pois só é possível como resultado de investimentos éticos e estéticos.

Ainda quanto ao tema da subjetividade expressa na fotografia, Mike Simmons sublinha que a imagem fotográfica deve ser entendida como um dispositivo que ajuda pensar o modo como somos afetados e como produzimos sentido para o que vemos. No livro “Como criar uma fotografia”, Simmons (2015) investe em referências de

importantes trabalhos que consolidam a fotografia como criação, isto é, resultado do cruzamento de técnicas, saberes e afetos. O trabalho de curadoria de Simmons nos apresenta ensaios em que a experiência da fotografia acontece a partir de uma aposta para rever conceitos, valores, afetos e outras impressões que pesam sobre o mundo.

Significa dizer, então, que essa experiência fotográfica arrisca abordagens e perspectivas. Quanto a isso, assumir riscos é ato revelador da subjetividade que colocamos em cena. Para pensar em subjetividades convém indagar: com quais forças estamos em tensão? A maneira como somos afetados e respondemos aos conflitos é indicadora do lugar onde instalamos nossa opinião, onde marcamos nosso posicionamento.

A imagem fotográfica na cena cultural do século XXI abriu possibilidades de campos exploratórios estéticos e ontológicos, apresentando resultados que mudaram o regime imagético. Problematizar o real ficou mais sedutor do que a sua representação. Nessa tendência, a fotografia investe em enfrentamentos como real em sua maior complexidade, instaurando a suspeita em vez da confirmação de uma realidade. A câmera fotográfica é operada também para criar imagens, nas quais aspectos de nossos hábitos sociais ganham uma aparência alternativa e curiosa. Vemos, muitas vezes, a exposição de situações limites, o que demanda a reorganização dos domínios de entendimento e significação da experiência com a forma fotográfica.

Nas formas fotográficas, muitas vezes, o jogo visual de referências não acontece com o factual da realidade, mas com outras imagens, lembranças, afetos, pensamentos... A diluição de fronteiras que foi desejada como resultado do trabalho artístico no advento da modernidade do século XX (vale rever as investigações de Man Ray e as provocações de Lee Millerno círculo de debates Surrealistas), nos dias atuais, aparece como processo de criação. A imagem fotográfica participa da dinâmica de confluência de campos de conhecimentos e especificidades que faz parte da nossa condição cultural na contemporaneidade.

A dimensão artística da fotografia é impulsionada pelo desejo de querer ver sob diferentes perspectivas aquilo que nos é costumeiro, habitual, familiar, normal. A imagem fotográfica não se limita em ser o que a constitui – um recorte de traços, cores, volume, sombra – tampouco está presa à sua referência. Segundo Barthes (1990) a fotografia extrapola a cópia do motivo referencial e, por isso, além do sentido óbvio, aquele que

vem à primeira vista, aciona ainda um sentido obtuso que não aparece no código. O sentido obtuso é acionado na interlocução e, se não for percebido ou se for suprimido, a mensagem fotográfica acontece mesmo assim.

A imagem sugere leituras a partir da especulação, da hipótese, da criação de enredos imaginados. Por isso, a fotografia também é dada a possibilidades de narrar histórias não lineares do mundo. Há casos em que legendas, comentários e identificações insuflam outros significados. Mas, o sentido conotativo sempre é uma força tranquilizadora que age para estabelecer um nexos para aquilo que impressionou a percepção. Daí, então, e demanda por um sentido para a imagem fotográfica. O ser humano ama os signos e os quer claros, evidentes.

A proposta de trabalho, formando grupos de estudo, foi concebida com o objetivo de impulsionar o desdobramento de ideias e reflexões que resultam do encontro entre poesia e fotografia. Decerto, entre os objetivos estava o planejamento de oportunidades para refletir e investigar os domínios de expressões da linguagem chamadas de poéticas. Esse propósito ganhou contorno por meio da formulação de uma indagação: que ideias, referências, sentimentos são acionados e articulados para preencher e significar o conceito de “poético”?

Na aproximação entre poesia e fotografia, Barthes confere pontos de convergências entre as duas expressões nos lembrando de que ambas autorizam leituras e releituras, pluralidades de interpretações, pois, nas palavras do crítico francês, tanto na fotografia quanto na poesia são movidas pela “busca inalienável das coisas”. A aproximação entre poesia e fotografia é uma afirmação de que nenhuma delas se constitui como descrição ou representação prévia de uma realidade. Ambas são manifestações de linguagem com suas respectivas estruturas, mas liberam a produção de significados quando são lidas fora dos esquemas habituais de leitura.

A imagem fotográfica torna-se um tipo de narrativa popular na era digital. Além de experienciar uma instantaneidade que não é possível pela palavra, devemos considerar também a economia de recursos concentrados no dispositivo fotográfico sem perder a expressividade: é feita uma seleção, realizado um recorte; é apresentada uma síntese para em seguida expandir possibilidades de leitura. Se o traço indexical garante definição e reconhecimento objetivo da imagem, o tratamento dado é uma escolha deliberada – subjetiva, portanto. O olhar sobre a matéria fotográfica ganha aberturas para experiências

e, devido a isso, a fotografia torna-se apreciada pelo efeito criado, pela apresentação diferente do que era comum.

Desde a sua exposição ao público, em 1839, a fotografia nunca deixou de exercer fascinação sobre uma plateia leiga ou especializada de escritores, artistas, intelectuais, estadistas... Isso por causa da capacidade de ser, ao mesmo tempo, ciência e arte, objetividade e subjetividade, materialidade e fantasmagoria. O resultado é “um recorte ou um limite que não encerra, não limita, mas impulsiona o leitor e o expectador a um fora de campo” (BRIZUELA, 2014, p.63). Nas palavras de Brizuela, estudiosa das contaminações da fotografia com outras artes, fica mais uma vez elucidada a causa do encantamento que a fotografia exerce: a possibilidade de ampliação da noção do que é possível, a partir de um recorte sobre as nossas familiaridades com as coisas. Paradoxalmente, a fotografia articula familiaridades e desencadeia também estranhamentos.

Na especificidade da imagem fotográfica, instaura-se uma nova consciência de tempo-espço, pois acontece uma conjugação inusitada entre o presente (o momento em que é vista a foto) e o pretérito (ocasião em que aconteceu o registro). São alteradas as relações de tempo narrativo: trata-se da dupla temporalidade passado-presente, o que foi e o agora. Um jogo de referencialidade e autonomia, uma vez que deixa de articular referências previstas. É o registro de que algo esteve neste lugar, a “evidência estarrecedora do isto aconteceu assim”.

Nessa perspectiva, a fotografia funciona como desprogramador eficaz de ver e de significar o mundo. Daí desdobra-se a linha de pensamento que dá consistência à abordagem sobre conceito de poético usado para descrever o efeito que algumas fotografias provocam. Em vez de perguntarmos qual é o procedimento que revela a potência poética da matéria na fotografia, estimula e amplia o debate se indagarmos quando a matéria cotidiana deixou de ser vista como poética. Ou, de outro modo, provocar: em que momento o prosaico deixa de ser poético? Por quê?

Tais investidas de reflexão estimulam o exercício do olhar, levando os olhos a percorrerem circuitos fora dos esquemas habituais, onde a preocupação é encontrar equivalências entre o conceito e a coisa em observação, num exercício de decodificação. Todavia, ao nos depararmos com a interrupção dos circuitos familiares para chegar a um significado, somos afetados sorrateiramente de um modo inusitado. Em resposta, somos

provocados a arriscar outras negociações de sentido, buscando outras vias de leitura e interpretação. Daí resulta a expansão e o aperfeiçoamento de estratégias de interpretação.

Perguntar sobre o conteúdo não potencializa as questões provocadas, quer dizer, não faz render outras ideias para expandir a percepção. É necessário encontrar outras vias para o fluxo das ideias por meio de outras indagações: como está sendo dito? O que faz com que o olhar fique atraído, instigado a saber mais?

Quando diante de uma composição fotográfica, o que mais intriga não é o porvir de sentidos que dela flui, mas o desejo de atribuir um significado para uma construção que impressionou a percepção. Assim, ficam sobre a imagem fotográfica impressões de um sujeito. Ela é também o reflexo, a projeção de quem olha. Cumpre, então, a fotografia uma função social: espaço de abertura para subjetividades. Por meio da produção e interpretação de imagens o sujeito realiza a condição de sua humanidade: o humano é um animal que representa.

No que foi dito até aqui, vislumbramos considerações que ajudam pensar o lugar da fotografia e da poesia. É imprescindível ao humano ter onde se refletir, se identificar, se repetir. Em vista disso, dado o volume de textos, imagens, vídeos, gráficos... a sociedade na era digital parece celebrar a própria capacidade de produzir signos que sirvam de testemunho de uma experiência da perplexidade com mundo, do espanto com os acontecimentos. Por assim dizer, uma forma de atestar a interação com o mundo e também interagir nele. Pois, pela linguagem, percebemos e somos percebidos, estamos igualmente em condição de atuação e passividade. Um dos aforismos de George Berkeley, filósofo do século XVIII, contribui para consolidar essas considerações: “Ser é perceber e ser percebido”.

Associadas ao entretenimento, ao embelezamento do mundo para causar complacência, ou igualmente lembradas como desencadeadoras de estranheza e de reconexões do universo e do imaginário, Poesia e Fotografia acionam a emergência de imagens que nos identifiquem fora dos esquemas comuns. Elas ajudam a escapar das armadilhas das percepções automáticas, reinventando formas de ver e dar visibilidade, o que implica na multiplicação da consciência – do sujeito e do mundo. Ambas, se não são agentes, são potencializadoras da expansão dos sentidos, da memória, da visão, dos comportamentos.

Para encerrar a exposição das reflexões que resultaram da pesquisa para construir a linha de pensamento e abordagem nos estudos sobre a imagem foto-poética, é importante deixar as considerações de como os encontros do grupo de estudo aprimoraram habilidades dos participantes. Além de contextualizar os tópicos de estudo, foram traçados desafios voltados para uma prática social da linguagem - o que significa fazer com que os estudantes produzam textos e imagens, assumindo papéis de autores e interlocutores.

“Fotografia e Poesia: Ampliando a noção do que é possível”, título do projeto com 20 alunos do ensino médio (também foi oferecido no curso de ensino superior de graduação em Letras), no ano de 2019, usava fotografias digitais para trabalhar habilidades de interpretação, técnicas de resumo e produção de textos curtos. Após os encontros para os ciclos de reflexões, as experiências e as apresentações de trabalhos foram compartilhadas em uma página no Facebook (nomeadas de “Porta-retratos”), restrita aos participantes, onde eram trocados elogios, dicas de como melhorar as fotos, sugestões de intervenção.

A criação da página foi pensada dentro da teoria das metodologias ativas que contempla a aprendizagem compartilhada, trazendo a vantagem de estimular o estudante a pesquisar, assumindo seus gostos e interesses. Pois, é fato que o estudante (qualquer pessoa na verdade) se sente estimulado a interagir quando está à vontade com o assunto ou com o interlocutor. A criação, administração e curadoria das informações em conjunto com os participantes do curso fizeram parte da experiência que nos ajuda a entender as relações de produção de compartilhamento de conhecimentos na sociedade digital.

Num contexto onde as leituras não são lineares, torna-se evidente a necessidade de “letramentos múltiplos”, isto é, competências que o sujeito precisa adquirir para atuar como protagonista nas novas práticas de linguagem. Sobre esse assunto, escreve Martins e Machado:

(...) considerando sobretudo, os gêneros, textuais e discursivos que circulam nos meios eletrônicos, dificilmente encontraremos textos apenas escritos: cores, sons, imagens, estas também em movimento, ganham, cada vez mais, sentidos trazendo-nos a noção de gênero multissemióticos ou multimodais. (MARTINS; MACHADO, 2001, p.30).

Com o propósito de expandir habilidades de leitura e de produção de mensagens, foram propostos desafios e outras vivências a partir de atividades que requisitaram a identificação e interpretação do tema; observação das formas de abordagens do tema; as estruturas articuladas na criação e composição da imagem; o encadeamento entre imagem e mensagem escrita. As ações planejadas tinham como meta o exercício do olhar crítico e a expansão dos horizontes.

A desautomatização do olhar com a abertura de perspectivas traz a oportunidade para pensar e problematizar sobre as referências usadas para organizar a fotografia e o discurso. No dispositivo fotográfico ou no suporte da escrita ficam em evidência as diversidades de perspectivas, isto é, os pontos de vista que cada sujeito apresenta de acordo com o seu posicionamento. Tal percepção reforça a diversidade de abordagens e as escolhas subjetivas dos encaminhamentos em relação a um tema. Isso ressalta as diferentes maneiras de interagir no mundo e com o mundo.

Por fim, vale sublinhar que o curso proposto não se resumiu em oferecer chaves de leitura para melhor entendimento das imagens; num horizonte mais amplo, a proposta foi indagar como a fotografia abre possibilidades para que o expectador se veja e se entenda. Pois, como foi dito, a fotografia é um registro de uma realidade, mas, além disso, é um registro do modo como a sociedade se relaciona, se posiciona diante da realidade experienciada.

### **Referências bibliográficas**

BARTHES, Roland. *O grão da voz*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRIZUELA, Natalia. *Depois da fotografia: uma literatura fora de si*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri: 2016

MARTINS, Araci. MACHADO, Maria. A Literatura e a versatilidade dos leitores. In: MARTINS, Aracy [et al.], org. *Livros & telas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

NAVAS, Adolfo Montejo. *Fotografia e Poesia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SIMMONS, Mike. *Como criar uma fotografia*. Editora: GG Brasil, 2015.